



A hermenêutica da esperança: interpretação bíblica a partir de Ernst Bloch

The hermeneutics of hope: biblical Interpretation from Ernst Bloch's Perspective

Eduardo Sales de Lima ^[a]

Cidade, UF, Brasil

Unicesumar | UniCV

Como citar: LIMA, Eduardo Sales de. A hermenêutica da esperança: interpretação bíblica a partir de Ernst Bloch. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 02, p. 239-254, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.17.002.DS03>

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a hermenêutica bíblica fundamentada no princípio da esperança, conforme elaborado pelo filósofo Ernst Bloch. Diante da crescente tensão entre abordagens puramente científicas e apropriações existenciais do texto sagrado, busca-se demonstrar como uma hermenêutica orientada pela esperança pode reconciliar a análise crítica com o potencial transformador das Escrituras. A metodologia adotada articula a "corrente fria" (análise crítica da realidade) com a "corrente quente" (dimensão utópica e libertadora) em um movimento dialético que culmina em possibilidades concretas de transformação prática. Ao aplicar esta abordagem ao texto de Isaías 61:1-2, evidencia-se o potencial desta hermenêutica para revitalizar a interpretação bíblica como instrumento de crítica social e promotora de mudanças efetivas, recuperando assim a episteme prática que caracteriza o texto bíblico em sua origem.

Palavras-chave: Hermenêutica bíblica; Ernst Bloch; Princípio Esperança; Transformação social; Práxis.

^[a] Doutor em Teologia EST; Doutorando em Ciências das Religiões (FUV); Mestre em teologia (EST). Professor de teologia, bíblia, ciências da religião e filosofia nas faculdades Unicesumar e UniCV, e-mail: pf.eduardo.sales@hotmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0001-4440>

Abstract

This article proposes a reflection on biblical hermeneutics grounded in the principle of hope, as developed by the philosopher Ernst Bloch. In light of the growing tension between purely scientific approaches and existential appropriations of the sacred text, the aim is to demonstrate how a hope-oriented hermeneutics can reconcile critical analysis with the transformative potential of the Scriptures. The adopted methodology articulates the "cold stream" (critical analysis of reality) with the "warm stream" (utopian and liberating dimension) in a dialectical movement that culminates in concrete possibilities for practical transformation. By applying this approach to the text of Isaiah 61:1–2, the potential of this hermeneutics becomes evident for revitalizing biblical interpretation as a tool for social critique and promoter of effective change, thereby recovering the practical episteme that characterizes the biblical text in its origin.

Keywords: Biblical hermeneutics; Ernst Bloch; Principle of Hope; Social transformation; Praxis.

Introdução

A interpretação bíblica contemporânea enfrenta um problema significativo: quanto mais sofisticados se tornam os métodos científicos de análise textual, mais parece distanciar-se a compreensão vital e transformadora do texto sagrado. A proliferação de estudos técnicos especializados – aparatos críticos, análises linguísticas, levantamentos históricos e literários – embora valiosos em si, podem inadvertidamente criar um distanciamento entre a precisão metodológica e a compreensão transformadora do texto sagrado. Este fenômeno revela uma crise epistemológica na hermenêutica bíblica, evidenciada na multiplicação de abordagens crítico-literárias que, como observa Simian-Yofre, assemelham-se a "células em um organismo não mais controlado por seu centro vital" (1994, p.12).

Escrevemos sob a hipótese de que a metodologia de interpretação bíblica contemporânea tem gradualmente privilegiado epistemes científico-históricas em detrimento de sua dimensão originalmente prática e transformadora. As epistemes científicas, embora valiosas, reduzem o texto a um objeto de estudo histórico/literário, esvaziando o seu potencial transformador. Assim como Simian-Yofre, Joseph Ratzinger (1989) já havia pontuado essa crise, pois, o método histórico-crítico, apesar de suas importantes contribuições, revela limitações epistemológicas significativas quando aplicado isoladamente à interpretação das Escrituras.

Esta problemática se manifesta de forma complexa no contexto brasileiro, onde a polarização hermenêutica assume contornos específicos. De um lado, correntes fundamentalistas, exemplificadas na tradição batista conservadora e no pentecostalismo clássico, rejeitam a mediação da crítica científica, privilegiando uma leitura reducionista em relação à dimensão histórica da esperança bíblica. De outro lado, a exegese acadêmica, influenciada pelos métodos europeus e representada em centros como a faculdade EST e institutos católicos, tende a objetificar o texto, enfraquecendo sua força utópica transformadora. Ambas as abordagens, por caminhos distintos, dificultam o que Bloch chamaria de "despertar do ainda-não-consciente" presente no texto bíblico. Os fundamentalistas por negar a mediação histórica necessária à compreensão; os críticos por reduzirem o texto a objeto arqueológico. A hermenêutica blochiana oferece uma terceira via, capaz de integrar rigor metodológico com a preservação da "força explosiva" da esperança bíblica.

Diante deste hiato, propomos uma abordagem hermenêutica que considere o "Princípio Esperança" de Ernst Bloch, pelo qual se busca fortalecer a dimensão vivencial da interpretação bíblica, sem abdicar das contribuições metodológicas da modernidade. Essa hermenêutica blochiana encontra ressonâncias significativas em correntes do pensamento teológico contemporâneo como em Walter Brueggemann, na obra "A imaginação profética" (2018), que estabelece uma dialética entre a crítica das estruturas presentes e a projeção de realidades alternativas futuras. Nessa linha, Jürgen Moltmann, diretamente influenciado por Bloch, desenvolveu uma "Teologia da Esperança" (2012) que oferece uma perspectiva essencialmente escatológica do cristianismo. E, na tradição latino-americana, a influência da teologia da libertação enfatiza o caráter prático e transformador da interpretação bíblica, oferecendo importantes pontos de convergência com a hermenêutica blochiana.

Este trabalho desenvolve-se em três etapas: primeiro, estabelece-se a fundamentação teórica do Princípio Esperança blochiano e sua aplicabilidade à hermenêutica bíblica; segundo, esboça-se uma metodologia interpretativa que integre a dimensão utópico-transformadora da esperança com rigor exegético; terceiro, aplica-se esta metodologia à análise do texto de Isaías 61:1-2, demonstrando sua viabilidade prática. A pesquisa segue a abordagem bibliográfica e documental, privilegiando o diálogo entre a filosofia blochiana e a tradição hermenêutica contemporânea. A articulação entre a proposta de Bloch e a interpretação bíblica pressupõe que os textos sagrados carregam um excedente utópico que transcende tanto seu contexto originário quanto suas apropriações históricas posteriores. Este excedente - que Bloch (2005) identificou como "função utópica" da consciência religiosa - não elimina a necessidade da mediação histórico-crítica, mas a instrumentaliza para um fim transformador: despertar as possibilidades ainda latentes no texto para a transformação do presente.

Fundamentação teórica: o princípio esperança como base hermenêutica

Ernst Bloch (1885-1977), filósofo marxista alemão de origem judaica, manteve uma relação paradoxal com o cristianismo: embora declaradamente ateu, reconheceu no cristianismo primitivo um potencial revolucionário autêntico. Para Bloch (2005), o "ateísmo no cristianismo" não representa negação da dimensão transcendente, mas crítica às cristalizações institucionais que neutralizam a força utópica originária da fé cristã. Foi a leitura hermenêutica que Bloch faz, particularmente do *Êxodo* e dos profetas (Vol. I), que influenciou teólogos como Jürgen Moltmann e a Teologia da Libertação latino-americana, que encontraram em seu pensamento ferramentas para articular uma teologia politicamente engajada e orientada para o futuro.

Sua obra magna, "O Princípio Esperança" (1954-1959), demonstra uma rede complexa de influências, incluindo o materialismo dialético marxista, a escatologia judaico-cristã e o romantismo alemão de Schelling. A principal base de sua teoria é a compreensão da esperança como potência cognitiva, capaz de antecipar possibilidades concretas ainda-não-realizadas no mundo. Difere-se do utopismo abstrato por fundamentar-se na "corrente fria" da análise materialista das condições objetivas, combinada com a "corrente quente" da antecipação revolucionária. Com isso, Jürgen Moltmann (2005, p.21) observa que Bloch reabilitou a categoria 'futuro' como o modo primário do ser, propondo uma ontologia do ainda-não-ser. Assim, a obra de Ernst Bloch oferece um quadro teórico-metodológico que contribui para repensar a hermenêutica bíblica em perspectiva transformadora.

Para nossa pesquisa utilizaremos a "corrente fria", que se refere à análise rigorosa das condições materiais e históricas – aquilo que corresponde ao método histórico-crítico na exegese bíblica. E, a "corrente quente" designa a dimensão utópica e transformadora que antecipa possibilidades ainda não realizadas – correspondente à força profética e escatológica dos textos sagrados. Para Bloch (2005, p.203), ambas as correntes são necessárias: sem a primeira, cai-se no utopismo abstrato; sem a segunda, reduz-se a interpretação ao positivismo estéril.

Estes conceitos auxiliam na construção de uma hermenêutica que equilibra rigor analítico com potência transformadora. A dialética do ser/ainda-não-ser permite identificar no texto bíblico não apenas representações do presente e passado, mas prefigurações de possibilidades futuras, desvelando sua dimensão profética como impulso para transformações históricas concretas. A metodologia das duas correntes proporciona um caminho interpretativo que combina análise crítica meticulosa com imaginação utópica e engajamento existencial.

Esta abordagem não constitui mero ecletismo metodológico, mas responde à própria natureza dos textos bíblicos, que foram produzidos em contextos de crise e orientados para a transformação da realidade. Para operacionalizar esta hermenêutica no texto bíblico, nossa pesquisa apropria-se de dois instrumentos conceituais da filosofia blochiana: primeiro, a dialética ontológica entre "o ser" e o "ainda-não-ser", que permite identificar nos textos não apenas representações do passado, mas prefigurações de possibilidades futuras; segundo, a metodologia das "duas correntes" do pensamento crítico, que equilibra rigor analítico (corrente fria) com imaginação transformadora (corrente quente).

A dialética entre "o ser" e o "ainda-não-ser"

Bloch (2005, p. 23) propõe uma ontologia do "ainda-não", reconhecendo que a realidade não se esgota no que já está manifesto, mas contém potencialidades latentes que apontam para o futuro. Nesta relação dialética, o ser não é uma realidade final, mas está em tensão constante com o vir-a-ser, com o ainda-não. Dessa forma, a dialética auxilia na compreensão de que uma interpretação do ser que considere apenas o momento estático, sua ocorrência no passado/presente, é insuficiente, pois, ignora os desdobramentos potenciais que transcendem a própria estrutura do ser. Essa compreensão dialética também é desenvolvida na teologia de Paul Tillich (2005). Ele trata da fé, da oração, da pregação da palavra e do reino de Deus, por exemplo, propondo uma correlação com a transcendência, assim, não interpreta o ser como dado final, mas como vir-a-ser, expandindo a dimensão da realidade. No contexto da teologia da libertação, o livro "Da Esperança" de Rubem Alves (1969) também dialoga a partir dessa perspectiva apresentando uma das primeiras contribuições brasileiras para a discussão. Na prática comunitária também é possível observar

essa dimensão no discurso da comunidade, nas leituras, nos estudos, nas prédicas pastorais, e principalmente, nas orações, cujo potencial transformador tem sido observado, inclusive, pelas ciências empíricas (Rosa; Silva; Silva, 2007).

Para Bloch, o real não é apenas o factualmente dado, mas inclui possibilidades objetivas inscritas na matéria e na história, e que ainda não se concretizaram. É um fenômeno da observação, que inclui olhar além dos limites categóricos do concreto/histórico. Essa proposição filosófica encontra raízes na dialética hegeliana, no que Bloch (2005, p.173) denomina "possibilidade real" - não meras possibilidades formais ou abstratas, mas tendências/latências concretas presentes no mundo material. Como explica Fredric Jameson:

Para Bloch, no entanto, este vazio da obra dentro da obra, esta tela em branco no centro, é o próprio locus do ainda-não-existente; e é precisamente esta estrutura essencialmente fragmentária e esteticamente insatisfatória do romance do artista que lhe confere seu valor ontológico como forma e figura do movimento do futuro incompleto diante de nós. (Jameson, 1971 p.126 – tradução nossa)

A perspectiva de Jameson evidencia a importância de considerar o vir-a-ser como ainda-não-existente (vazio, tela em branco), como possibilidade de direcionamento da vida. Isso porque liberta a interpretação e a própria hermenêutica do domínio factual da história, da linguagem e da narrativa, permitindo que os textos sejam compreendidos como portadores de potencialidades transformadoras que transcendem seus contextos originais. Quando, por outro lado, esses domínios científicos se absolutizam como únicos critérios de significação, exercem um controle epistemológico que neutraliza o potencial transformador dos textos. Logo, o que está em questão não é a rejeição da ciência histórico-crítica, mas a crítica ao cientificismo hermenêutico que reduz o significado dos textos ao que pode ser historicamente verificado ou linguisticamente delimitado. Essa redução opera como mecanismo de controle que converte os textos em objetos museológicos destituídos de força crítica para o presente. Em contraparte, a proposta de Bloch funciona como uma espécie de ontologia da possibilidade. Nela os textos (inclusive os sagrados) não são apenas documentos históricos ou expressões dogmáticas, mas repositórios de possibilidades emancipatórias ainda não realizadas, cujos conteúdos transcendem seus contextos originais e continuam "abertos" a novas concretizações. Não se trata de interpretar um registro do passado (o que é), mas de interpretar o excedente de significado que aponta para possibilidades não realizadas (o ainda-não-ser). Como observa Bloch (2005, p.28):

O mundo está, antes, repleto de disposição para algo, tendência para algo, latência de algo, e o algo assim intencionado significa plenificação do que é intencionado. Significa um mundo mais adequado a nós, sem dores indignas, angústia, auto-alienação, nada. Essa tendência, porém, está em curso para aquele que justamente tem o novum diante de si. É somente no novum que o para-onde do real mostra a determinação mais fundamental do seu objeto, e esta convoca o ser humano, em quem o novum tem os seus braços.

Não é uma nova proposta de interpretação, mas a retomada de um sentido negligenciado na interpretação do texto Bíblico. Isso porque a narrativa e o texto, em sua função de fixação traditiva, tendem a solidificar as dinâmicas vivenciais (Goody, 2003).

No caso da tradição escatológica judaica, por exemplo, a preservação da esperança messiânica não se prende a um ponto no passado, mas aponta para a transformação do futuro (Schwantes, 2007). Esse tipo de esperança pode ser identificado na perspectiva profética do Antigo Testamento cujas orientações não eram apresentadas como sentenças finais, mas como previsões de futuro a partir das ações do presente (Schwantes, 1989). Um texto determinante para essa análise é o livro "A Bíblia, Palavra de Deus ou palavra dos homens?" (Wolff; Moltmann; Bohren, 1970), que apresenta um estudo sobre o profeta Jonas, demonstrando que o propósito da profecia não era a destruição, mas a salvação dos ninivitas. O livro exemplifica essa hermenêutica do "vir-a-ser". Nele a narrativa não se estrutura como registro histórico de destruição cumprida, mas como testemunho de possibilidade transformadora. Quando Jonas (3.4) proclama: "Ainda quarenta dias e Nínive será destruída", no texto hebraico, o verbo נְהַפְּקֵה (nehpakhet), significa tanto "destruída" quanto "transformada", assim, embora pareça determinística, preserva abertura para o arrependimento. Logo, a "transformação operada pela esperança" manifesta-se no fato de que a

palavra profética, ao ser pronunciada, não funciona como sentença irrevogável, mas como convocação à conversão. O "ainda-não" da destruição transforma-se no "ainda-não" da conversão, revelando que a palavra profética funciona como possibilidade transformadora, não como determinismo inexorável. No fim da narrativa, a ira de Jonas diante da misericórdia divina (4:1-3) demonstra o conflito entre uma compreensão determinística da profecia e sua função como fornecedora de esperança transformadora.

Dessa forma, a hermenêutica blochiana, a partir da dialética entre "o ser" e o "ainda-não-ser", propõe um deslocamento fundamental do foco interpretativo. Esta mudança pode ser compreendida através da seguinte distinção: enquanto a episteme científico-crítica pergunta "o que este texto significava em seu contexto original?", a hermenêutica do "ainda-não-ser" pergunta "que possibilidades transformadoras este texto abre para nossa realidade presente?". Logo, na primeira abordagem, o texto torna-se objeto de análise histórica, cujo significado se limita ao que pode ser verificado sobre as circunstâncias originais. Na segunda, o texto é reconhecido como sujeito interpelador, portador de um excedente de sentido que transcende suas determinações históricas e continua exercendo força crítica sobre o presente. Não se trata, portanto, de criticar o texto a partir de teorias externas, mas de permitir que o texto critique nossa realidade a partir de suas potencialidades emancipatórias ainda não realizadas. É neste sentido que interpretar significa identificar e mobilizar o potencial crítico do texto para questionar a realidade presente do leitor - não é a crítica do texto, mas o texto como evento crítico da realidade.

Na prática hermenêutica, essa perspectiva se concretiza quando comunidades interpretam, por exemplo, as narrativas do Éxodo não apenas como relatos de libertação passada, mas como paradigmas de possibilidades libertadoras ainda abertas para situações contemporâneas de opressão. O "ainda-não-ser" da promessa abraâmica não se esgota nos cumprimentos históricos particulares, mas permanece como horizonte de possibilidades que interpela cada geração a novas concretizações de justiça e fraternidade, foi assim que Paulo reinterpreta a promessa abraâmica (Romanos 4:13-25). Da mesma forma, as denúncias proféticas contra a injustiça social não se limitam às circunstâncias específicas do Israel antigo, mas preservam sua força crítica para questionar estruturas opressivas em qualquer contexto histórico (Marcos 7:6, p.ex.). É nesse movimento que o texto bíblico revela sua natureza de "ainda-não-ser", não como arquivo morto do passado, mas como reservatório vivo de possibilidades transformadoras que aguardam seu intrromper histórico (Ladd, 2003).

A dialética entre a "corrente fria" e a "corrente quente"

O segundo conceito fundamental é a distinção entre duas dimensões complementares e necessárias do pensamento crítico: a "corrente fria" e a "corrente quente" (Bloch, 2005, p.204). A primeira corresponde à análise objetiva das condições materiais, o desmascaramento das ilusões ideológicas e a crítica econômica e social. A segunda volta-se para os elementos utópicos e libertadores presentes nas aspirações humanas concretas, nos "sonhos diurnos" da humanidade.

A "corrente fria" corresponde à prática analítico-desconstrutiva do pensamento crítico. Opera através do que Fredric Jameson (1971, p.119) chama de "hermenêutica da suspeita", realizando uma leitura desmistificadora da realidade social. Esta corrente examina as condições objetivas e materiais que limitam as possibilidades de transformação, avaliando friamente os obstáculos e contradições presentes. Essa leitura é relevante para evitar que a possibilidade/utopia¹ se dissolva em voluntarismo ingênuo.

Essa prática pode ser exemplificada na análise histórico-crítica dos textos proféticos. No caso do livro de Amós, uma leitura orientada pela "corrente fria" investigaria as condições socioeconômicas do Reino do Norte no século VIII a.C. (Schwantes, 2004). Esta análise desmistificaria a aparente prosperidade do período, revelando que ela se baseava na exploração dos camponeses e na concentração de terras. O exegeta identificaria que as denúncias de

¹ O conceito de utopia é polissêmico e historicamente marcado por distorções que o reduzem a fantasia compensatória ou ideal irrealizável. Em nossa pesquisa, utilizamos o termo na perspectiva específica de Ernst Bloch, para quem utopia designa a capacidade humana de antecipar possibilidades concretas ainda-não-realizadas, fundamentada na análise rigorosa das "tendências reais" presentes na história e na matéria.

Amós contra os que "vendem o justo por dinheiro e o necessitado por um par de sandálias" (Am 2:6) refletem contradições concretas da estrutura social israelita, onde uma elite urbana enriquecia às custas dos pequenos proprietários rurais. Esta análise abordaria criticamente a religião institucionalizada, demonstrando como santuários como Betel serviam de aparato ideológico para legitimar as desigualdades (Keepenberg, 1988; Pixley, 1999; Tamez, 2010). A "corrente fria" desmascara a manipulação do culto javista e sua instrumentalização para fins políticos, mostrando como rituais religiosos serviam para pacificar tensões sociais sem alterar as estruturas opressivas que Amós denunciava (Lima, 2020). Esta análise desmistificadora reconhece os limites históricos do próprio discurso profético, situando-o em seu contexto de produção sem idealizá-lo, identificando possíveis contradições ou limitações na visão de mundo de Amós, condicionadas pelo seu próprio lugar social e horizonte cultural (Wolf, 1977).

A "corrente quente" representa a contrapartida dialética, a dimensão antecipatória-emancipatória do pensamento crítico. Enquanto a corrente fria desvela o-que-é, a corrente quente aponta para o vir-a-ser. Ela se concentra nas possibilidades, nos impulsos concretos já presentes na realidade, nos "excedentes culturais" que transcendem a ordem estabelecida. Esta corrente identifica, nas expressões da cultura e nos "sonhos diurnos" coletivos, prefigurações de futuros possíveis (Further, 1974). No livro de Amós, a corrente quente identifica os potenciais de transformação que transcendem o contexto histórico imediato.

Essa perspectiva é observada quando o texto propõe que "corra o direito como as águas, e a justiça como ribeiro perene" (Am 5:24), revelando assim que não era apenas uma crítica do presente, mas a expectativa de uma ordem social alternativa (Schwantes, 2004). Também se pode destacar a expectativa da restauração da "tenda caída de Davi" (Am 9:11-15), um sonho diurno, coletivo, que antecipa concretamente possibilidades históricas ainda não realizadas. As imagens de fartura agrícola em que "aquele que ara, alcançará ao que ceifa" não representam meras consolações compensatórias, mas expressam o que Bloch (2005) chama de "excedentes utópicos" - conteúdos que ultrapassam as limitações do presente e apontam para transformações possíveis, como na literatura apocalíptica (Russel, 1997; Kraybill, 2009).

Esta dimensão antecipatória se manifesta também na forma como Amós ressignifica as tradições do Êxodo, reativando seu potencial libertador para mobilizar novas práticas transformadoras. A lembrança que Deus "levantou dentre vossos filhos profetas" (Am 2:11) funciona como reservatório de esperanças históricas concretas, mostrando que a quebra da dominação é possível porque já ocorreu antes (Schwantes, 2004). Há diversas passagens que podem ser interpretadas a partir desse horizonte de possibilidades. A "corrente quente" interpreta estas passagens não como simples ornamentos retóricos ou promessas transcedentes, mas como antevições de possibilidades reais inscritas no presente, capazes de inspirar e orientar práticas emancipatórias contemporâneas.

É nesta complementaridade que reside o aspecto inovador da proposta de Bloch. O pensamento crítico, para gerar transformação real, precisa equilibrar a sobriedade analítica da corrente fria com o entusiasmo antecipatório da corrente quente. Uma sem a outra resultaria ou em um determinismo (apenas corrente fria) ou em utopismo abstrato (apenas corrente quente). Logo, uma hermenêutica dominada exclusivamente por uma crítica isolada, tende a absolutizar as determinações objetivas, reduzindo os sujeitos históricos a meros produtos das estruturas sócio-econômicas. E, a análise das contradições sociais, sem a dimensão antecipatória, facilmente degenera em pessimismo cultural ou resignação política (Eco, 1970). Por outro lado, uma hermenêutica dominada exclusivamente pela "corrente quente" cairia no utopismo desconectado das condições reais, um entusiasmo cego.

A complementaridade dialética entre as duas correntes oferece, assim, um caminho interpretativo que preserva tanto o rigor analítico quanto a força transformadora dos textos bíblicos. Esta fundamentação teórica torna possível elaborar uma metodologia hermenêutica específica que, sem abdicar das conquistas da exegese científica, recupere a dimensão existencial e crítica que motivou a produção dos textos sagrados. É precisamente esta articulação metodológica que desenvolveremos na seção seguinte.

A proposta dialética de Ernst Bloch oferece contribuições significativas para a interpretação bíblica, mas apresenta limites estruturais importantes. Promessas como a ressurreição dos mortos, a parusia e o juízo final resistem à redução a "tendências reais" materiais, implicando rupturas qualitativas que excedem as possibilidades históricas imanentes - uma das principais consequências dos pressupostos materialistas em relação ao tema da

transcendência. Todavia, o foco de Bloch na emancipação e na transformação não deve ser desprezado, antes, pode ser usado como contribuição para uma metodologia hermenêutica escatológica. Assim, utilizamos a metodologia de Bloch numa relação dialética com as hermenêuticas histórico-críticas, visando resgatar o potencial transformador das escrituras, sem abrir mão de valores e métodos de interpretação consagrados. Com isso, busca-se promover uma crítica continuada das interpretações científicas à luz da dimensão escatológica do texto, numa perspectiva que recupere a dimensão material e existencial frequentemente eclipsada tanto pelo academicismo técnico quanto por leituras doutrinárias abstratas. No caso da teologia bíblica, uma hermenêutica consistente precisa reconhecer que a escatologia inclui tanto antecipação histórica (material) quanto consumação meta-histórica (metafísica).

Metodologia para uma hermenêutica da esperança

A partir do quadro teórico desenvolvido, propomos uma metodologia hermenêutica estruturada em três momentos fundamentais, que articulam os conceitos principais da teoria de Bloch: a "corrente fria", a "corrente quente" e um percurso interpretativo orientado para a práxis transformadora que sustenta a tensão do ainda-não-ser.

Fase Inicial: Análise de "O que é" (Corrente Fria)

A primeira etapa desta proposta hermenêutica inicia a observação do texto a partir do contexto narrativo. Esta fase desenvolve uma investigação rigorosa do texto utilizando instrumentos da análise histórico-crítica, ampliando sua abrangência com perspectivas interdisciplinares.

A contextualização histórico-cultural constitui o primeiro elemento desta fase. Trata-se de investigar o ambiente político, social, econômico e religioso em que o texto foi produzido. Este elemento é fundamental para evitar anacronismos e compreender as intenções originais e os significados atribuídos pelos primeiros receptores do texto. Em seguida, a análise literária e linguística. Ela examina as estruturas literárias, gêneros textuais, campos semânticos e elementos linguísticos que moldam o significado do texto. Nela observa-se que a forma literária não é acidental, mas parte integrante da mensagem transmitida. Em terceiro, a análise sociológica. Ela identifica as estruturas de poder, mecanismos de opressão e dinâmicas sociais presentes no texto e em seu contexto original. A ideia é entender as relações sociais e institucionais que subjazem ao texto (Silva, 2000; Wegner, 2001; Lohfink, 1978).

O diálogo interdisciplinar é o quarto elemento dessa abordagem. Ele integra contribuições da psicologia, antropologia, economia e outras ciências para iluminar dimensões específicas do texto que poderiam passar despercebidas. A antropologia cultural, por exemplo, ajuda a compreender os códigos de honra e vergonha subjacentes às parábolas de Jesus. Em Lucas 15:11-32, a corrida do pai ao encontro do filho representa uma quebra radical dos códigos de honra patriarcal do Mediterrâneo antigo. Esta perspectiva antropológica revela uma dimensão subversiva da narrativa que poderia passar despercebida na análise puramente literária (Malina ; Rohrbaugh, 1996). O mesmo procedimento pode ser tomado a partir do diálogo com outras epistemes.

Este momento da análise corresponde em grande medida ao método histórico-crítico tradicional, incluindo perspectivas interdisciplinares e atenção para as dimensões estruturais e sistêmicas descritas no texto. Completada esta análise das condições objetivas do texto, a metodologia blochiana volta-se para a dimensão projetiva e transformadora.

Tensão dialética: "O que ainda não é" (Corrente Quente)

A segunda fase desta proposta direciona o olhar para além da análise crítica, buscando identificar e explorar o potencial utópico-libertador presente no texto. Esta dimensão, frequentemente negligenciada nas abordagens científicas convencionais, reconhece que os textos não apenas descrevem realidades, mas também projetam possibilidades alternativas (Bloch, 2005; Moltmann, 2012).

Nesta análise observa-se quatro perspectivas que caracterizam o potencial transformador: as aspirações utópicas, os "sonhos diurnos", a "utopia concreta" e esperança escatológica.

As aspirações utópicas são as expectativas de transformação, justiça e renovação presentes no texto, sejam elas explícitas ou implícitas. Este elemento busca os horizontes de esperança que emergem dos textos, ainda que, aparentemente mais pessimistas. Por exemplo, a própria comunidade cristã interpretou a crucificação de Cristo considerando as expectativas de transformação, dessa forma, não se limitaram à narrativa factual imperialista da morte de Cristo, mas renovaram o evento reinterpretando-o a partir da esperança, de forma que a violência da cruz foi sendo ressignificada pela esperança, e a morte de Cristo passou a significar a dádiva da graça de Deus para todos (Lima, 2020; Barth, 1997). Em outra passagem, por exemplo, o apóstolo Paulo trata da fraqueza e do pecado, ressignificando os conceitos pela esperança de que, na fraqueza, somos fortes (2 Coríntios 12:9-10, p. ex.). No Antigo Testamento, os profetas empreendem essa perspectiva em várias passagens, dentre estas, destaca-se a afirmação de Lamentações (3:21) que, diante de todo o sofrimento da deportação, revela a importância de se trazer à memória o que pode dar esperança.

Os "sonhos diurnos" distingue-se de fantasias escapistas por serem projeções conscientes e realistas de possibilidades alternativas. Os "sonhos diurnos" não fogem da realidade, mas antecipam transformações concretas e factíveis a partir das condições presentes. São projeções que emergem e transcendem a realidade presente. No Apocalipse (21-22), por exemplo, a visão da "nova Jerusalém" não é fuga mística da realidade, mas um "sonho diurno" que projeta a possibilidade de uma cidade organizada segundo princípios radicalmente distintos do império romano (Kraybill, 2009). Quando Jesus alimenta a multidão, também é uma forma de sonho diurno, pois não prega a perfeição do céu sem considerar a realidade do povo, e não clama para que Deus mande comida do céu, e nem transforma pedras em pães, antes, encontra a solução no próprio povo, na partilha. (Lima, 2024)

A "utopia concreta" destaca o potencial emancipatório e realista, ancorado nas possibilidades históricas efetivas. São possibilidades ancoradas em condições objetivas. Por exemplo, quando Paulo fala que "nem judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher" (Gálatas 3:28), ele não está propondo uma utopia abstrata de abolição imediata de todas as diferenças sociais, mas articulando uma "utopia concreta" que reconhece essas diferenças, enquanto afirma a possibilidade igualitária na comunidade cristã (Tamez, 1995). Isso implica em ler o texto identificando, não apenas as possibilidades, mas os limites da interpretação, entendendo que a narrativa, assim como a vida, embora gozem de capacidade projetiva, são delimitadas pela linguagem e pela história.

A articulação da esperança escatológica constitui o quarto elemento desta fase. Especialmente relevante para textos religiosos, este elemento estabelece conexões entre expectativas últimas e possibilidades históricas concretas, sem reduzir uma dimensão à outra (Schwantes, 2007). No Sermão do Monte (Mateus 5-7), por exemplo, Jesus articula a esperança escatológica do Reino dos Céus com práticas concretas de transformação social. Ao declarar "bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra" (Mateus 5:5), conecta a expectativa tradicional judaica de herança da terra prometida com um modelo alternativo de subjetividade (mansidão) que desafia o modelo dominante no contexto imperial romano (Gass, 2011).

Estes quatro elementos operam de forma complementar: as aspirações utópicas fornecem o horizonte geral de esperança; os sonhos diurnos especificam expectativas concretas; a utopia concreta ancora essas possibilidades nas condições objetivas; e a esperança escatológica articula dimensão última com transformação histórica. Em linhas gerais, a observação deve ser guiada pela percepção projetiva, considerando as limitações concretas, sem perder de vista a realidade última. Assim, a articulação entre a análise crítica da realidade (corrente fria) e o reconhecimento de suas possibilidades transformadoras (corrente quente) culmina no movimento prático da interpretação.

Transformação: Da Análise à Práxis

A terceira fase constitui uma síntese dialética que articula a análise crítica (corrente fria) com o impulso transformador (corrente quente) em um movimento que aponta para possibilidades concretas de mudança social. Nessa fase, a observação deve lidar com a dimensão dialética.

Logo, a identificação das contradições é o primeiro elemento a ser observado. Trata-se de reconhecer, na realidade presente, as tensões e contradições que ecoam no texto, estabelecendo pontes entre contextos históricos distintos. Por exemplo, ao interpretar a crítica profética ao latifúndio em Isaías 5:8 "Ai dos que ajuntam casa a casa, que acrescentam campo a campo", as comunidades urbanas contemporâneas podem identificar contradições análogas na concentração de riquezas e propriedades, enquanto milhões permanecem sem teto (Tamez, 1979; Sicre Diaz, 1990). Outra abordagem possível pode ser desenvolvida a partir da narrativa do filho pródigo (Lucas 15:11-32), observando como os conflitos da narrativa dialogam com problemas contemporâneos, o que permite uma atualização existencial da narrativa, dialogando com a prática de cuidado pastoral (Lima, 2025).

O estabelecimento de mediações práticas constitui o segundo elemento desta fase. Trata-se de elaborar pontes que conectem a crítica da realidade presente com possibilidades concretas de transformação, evitando tanto o idealismo desencarnado quanto o pragmatismo sem horizonte. Inspirados pela prática de remissão de dívidas do jubileu bíblico (Levítico 25), por exemplo, movimentos contemporâneos podem desenvolver mediações práticas concretas. Estas incluem campanhas para renegociação de dívidas, criação de bancos comunitários, moedas sociais e sistemas de microcrédito solidário - práticas que desafiam a lógica de endividamento perpétuo. A prática da mediação conecta o texto bíblico e as perspectivas projetivas às atividades práticas objetivas. Ou seja, a Bíblia ensina que devemos amar o próximo, logo, é possível interpretar de forma projetiva, entendendo como esse ensinamento/narrativa pode ressignificar nossas relações, e na mediação prática, busca-se apresentar situações reais/concretas em que esse amor pode ser demonstrado (Zabatiero, 2005; Lima, 2025).

A articulação comunitária representa o terceiro elemento desta fase. Nela observa-se o caráter essencialmente coletivo do processo hermenêutico, inserindo a interpretação no contexto de comunidades concretas que buscam viver os valores e visões identificados nos textos (Mesters, 1998). Por exemplo, as comunidades que reinterpretam a narrativa do Êxodo em processos coletivos de leitura popular da Bíblia. Ao identificar os "faraós" contemporâneos que os oprimem, podem desenvolver práticas comunitárias de resistência e solidariedade inspiradas na experiência do povo hebreu no deserto (Tamez, 1979). Essa perspectiva é fundamental, pois é na solidariedade que se forma a identidade de grupo e a possibilidade de transformações sociais reais (Viana, 2019).

A verificação prática, último elemento desta fase, refere-se à avaliação do potencial efetivamente transformador da interpretação proposta, em diálogo com experiências concretas de mudança social. Este elemento reconhece que o valor de uma interpretação não se mede apenas por sua coerência teórica, mas por sua capacidade de inspirar práticas transformadoras (Zabatiero, 2005). Neste caso, as comunidades cristãs que defendem pautas ecológicas, podem verificar a eficácia de sua hermenêutica na identificação de práticas concretas como a desinvestimento em combustíveis fósseis, a instalação de painéis solares em igrejas, e o engajamento em ações diretas de proteção ambiental etc.

Com a análise dialética, apresenta-se uma proposta de modelo hermenêutico que integra rigor analítico, imaginação utópica e compromisso prático, reconhecendo que a compreensão do texto bíblico se realiza quando contribui para a transformação das realidades de opressão e injustiça.

Aplicação: Isaías 61:1-2

Para ilustrar a aplicação da metodologia proposta, analisaremos o texto de Isaías 61:1-2, um trecho profético citado no Novo Testamento (Lucas 4:18) e que apresenta uma articulação entre análise crítica e projeção utópica. A proposta não será, a rigor, uma exegese, mas uma demonstração tópica de elementos e possibilidades em uma hermenêutica orientada pela perspectiva da esperança.

O método articula a dialética blochiana em três momentos: análise do 'ser' (corrente fria), identificação do 'ainda-não-ser' (corrente quente) e movimento prático de transformação.

Fase inicial: Análise de "O que é" (Corrente Fria)

A pesquisa inicia com uma sugestão de contextualização histórica. Neste caso, o texto de Isaías 61:1-2 situa-se na seção geralmente atribuída ao chamado "Trito-Isaías" (capítulos 56-66), provavelmente composta no período pós-exílico, quando os judeus retornavam do cativeiro babilônico e enfrentavam os desafios da reconstrução nacional. Este período (século VI-V a.C.) caracterizava-se por tensões significativas: Economicamente, a comunidade enfrentava dificuldades materiais, com muitos retornados em situação de pobreza e endividamento. Socialmente, emergiam conflitos entre diferentes grupos (os que permaneceram na terra e os retornados do exílio; as elites e os empobrecidos). Politicamente, vivia-se sob o domínio persa, com autonomia limitada e tensões internas pelo poder. Religiosamente, debatia-se a reconstrução da identidade após a traumática experiência do exílio (Gass, 2004; Keepenberg, 1988).

Como sugestão de análise crítica do texto, propõe-se o estudo da narrativa, semântica e discursividade. Neste caso, seguindo a perspectiva clássica das hermenêuticas histórico-críticas. Todavia, para nosso estudo, com foco na perspectiva da esperança, limitaremos a abordagem à observação de destaques críticos na narrativa (Zabatiero; Filho; Sanches, 2018). Dessa forma, observa-se que o texto apresenta uma figura ungida pelo Espírito do Senhor, comissionada para uma missão de transformação social e espiritual:

O Espírito do Senhor DEUS está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados, a apregoar o ano aceitável do SENHOR e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram. (Isaías 61:1-2).

Uma análise simplificada da narrativa permite identificar: Uma crítica implícita às estruturas que mantêm pessoas em cativeiro, oprimidas, denunciando o *status quo* que permite tais injustiças. A utilização de categorias sociais concretas ("quebrantados", "cativos", "algemados") refletem realidades sociais do período, de pessoas endividadas, empobrecidas e socialmente excluídas. A referência ao "ano aceitável" (possivelmente aludindo ao ano jubilar) propunham mecanismos concretos de redistribuição social (Vaux, 2003).

Para o diálogo interdisciplinar, o texto pode ser interpretado a partir de teorias sociológicas sobre marginalização e empoderamento, reconhecendo os mecanismos estruturais que produzem exclusão por exemplo, a utilização de textos e pesquisas sobre Pierre Bourdieu. Neste caso, A referência aos "quebrantados" e "cativos" reflete estruturas de violência simbólica em que os oprimidos internalizam sua condição como natural, e o profeta atua como agente de ruptura deste habitus de submissão (Bourdieu, 1989). Também é importante considerar o diálogo com estudos psicológicos, para perceber a dimensão da individualidade e interioridade, assim, pode-se estudar sobre trauma e cura, particularmente relevantes no contexto pós-exílico, por exemplo, os estudos de Judith Lewis Herman (1992) sobre trauma e recuperação, há ainda a possibilidade de dialogar por perspectivas de aconselhamento pastoral integracional, que relaciona a dinâmica religiosa com o cuidado pastoral e psicológico (Clinebell, 2007; Lima, 2025). Também pode-se empreender estudos e análises econômicas sobre dívida e servidão, compreendendo as dimensões materiais da opressão mencionada no texto (Keepenberg, 1988).

Essa etapa pode ser elaborada seguindo perspectivas clássicas com análise histórico-cultural, filológica, teológica e interdisciplinar. Para um aprofundamento nesse tema pode-se consultar manuais tradicionais como a Metodologia de Exegese Bíblica do professor Cassio Murilo Dias da Silva, e para uma exegese do texto de Isaías 61, em diálogo com a passagem de Lucas 4:18-19, pode ler o artigo de Douglas Oliveira dos Santos (2015).

Tensão dialética: "O que ainda não é" (Corrente Quente)

Para identificação do potencial libertador, observa-se que o texto manifesta o "excedente utópico" através de múltiplas expressões de esperança e transformação. A proclamação de "boas-novas aos quebrantados" aponta para uma transformação radical na condição dos marginalizados. A "cura dos quebrantados de coração" indica uma

dimensão de restauração pessoal e coletiva. A "libertação dos cáticos" sugere uma reestruturação social fundamentada na justiça. A "consolação dos que choram" aponta para uma transformação qualitativa da experiência humana (Schwantes, 2007; Sicre Diaz, 1990). Observado dessa perspectiva, uma leitura espiritualista e desencarnada, "abre mão" desse significado prático e vivencial.

Os "sonhos diurnos" expressos no texto não são meras fantasias, mas articulações de possibilidades objetivas de transformação. Observa-se a unção pelo "Espírito do Senhor", afirmada no texto, que conecta a transformação social com a experiência espiritual, evitando tanto o materialismo reducionista quanto o espiritualismo alienado. A espiritualidade não é um elemento desencarnado e alienador. A religião e fé não são tomadas como realidades isoladas, pois a unção do Espírito do Senhor revela-se na vida, na justiça e no cuidado (Schwantes, 2007). No texto, a referência ao "ano aceitável do Senhor" evoca a instituição do Jubileu (Levítico 25), um mecanismo de redistribuição econômica e restauração social, em que novamente a espiritualidade é demonstrada na prática (Vaux, 2003). A justaposição entre consolação e vingança ("o dia da vingança do nosso Deus/consolar todos os que choram") articula justiça restaurativa e cuidado com os sofredores. Não se trata de um ritual litúrgico com fim em si mesmo, mas de uma prática social a partir da espiritualidade restaurativa.

A interpretação messiânica revela a dimensão escatológica do texto, assim, observa-se como a realidade última influencia a existência. Seguindo essa proposta, o texto adquire nova dimensão quando os evangelistas apresentam Jesus aplicando a si mesmo (Lucas 4:18-19), conectando-o diretamente com sua missão. Esta releitura ilustra a tensão entre o "já" (a presença do Reino em Jesus) e o "ainda não" (a plena realização do Reino) elaborada por Moltmann (2012) e na teologia do Novo Testamento de George Eldon Ladd (2003). No messianismo bíblico as expectativas do reino de Deus (vir-a-ser) são antecipadas pela esperança, dessa forma a realidade última adentra a história, pela vivência que ela evoca. Ou seja, a esperança de um reino de Deus promove uma espécie de ética do reino (Ladd, 2003).

No livro de Isaías ainda há outras passagens que dialogam a partir desse ideal utópico – messiânico, como possibilidade projetiva, pela qual se pode sonhar com um reino de justiça e equidade (Isaías 2,2-4; 9:6-7; 11:1-9; 32:1-8; 42:1-9; 61:1-3; 65:17-25).

Transformação: Da Análise à Práxis

As contradições contemporâneas são observadas na análise do texto, assim, a realidade dos leitores ecoa da narrativa. Por exemplo, a persistência de desigualdades econômicas globais, evidenciando mecanismos estruturais de exclusão semelhantes aos denunciados pelo profeta. A continuidade de sistemas de justiça excludentes, configurados nas modernas lógicas de "cativeiro" que alienam por meio de encarceramento massivo e seletivo, virtual e concreto. Mecanismos de opressão estrutural e sistêmica que, embora assumam formas diferentes do contexto bíblico, mantêm sua essência de desumanização ainda presente (Hofstätter, 2003).

As mediações práticas surgem a partir da identificação das contradições. Elas conectam a mensagem transformadora do texto com possibilidades concretas de ação. Dessa forma, a partir do texto, sugere-se o desenvolvimento de políticas emancipatórias que visem não apenas aliviar sintomas, mas transformar estruturas opressivas (Hofstätter, 2003). Dentre as mediações do texto, destaca-se as atividades em prol da reforma do sistema judicial, para estabelecer mecanismos que promovam efetivamente a justiça restaurativa e não apenas a punição. Assim, pelo texto pode-se dialogar com as lógicas de cativeiro e seu funcionamento panóptico, que exercem um controle disciplinar, de onde a própria pessoa, por meio das pressões e articulações sociais, passa a "se vigiar e punir" (Foucault, 2012). Articulações que ganharam novos contornos com as sociedades midiatisadas, sob novas formas, assumindo o controle da vida, gerando contínuas crises (Han, 2017). Para essa dimensão, a mediação pode desenvolver programas de saúde mental comunitária que atendam às necessidades dos "quebrantados de coração" contemporâneos. E, nestas mediações também pode-se incluir o combate sistemático às estruturas de opressão, como o racismo, o sexism e a exploração econômica, que, numa proposta dialética, são observados como formas materiais impulsionadoras da perspectiva projetiva da mensagem profética.

Para a articulação comunitária e verificação prática, o diálogo com o texto convida à inserção em comunidades concretas que buscam viver os valores transformadores presentes na narrativa. Experiências de comunidades eclesiais de base, movimentos sociais inspirados em valores religiosos e iniciativas de economia solidária podem ser vistas como "laboratórios" onde se verifica o potencial transformador da mensagem bíblica estudada. Sobre essa ação comunitária, a solidariedade, como observada por Oliveira Viana (2019) possui potencial libertador e de formação identitária. Ela rompe com os individualismos e com as lógicas de clãs, que no contexto brasileiro, assumiram caráter político, desconfigurando a própria identidade nacional. O texto de Isaías 61:1-2, por ser uma narrativa messiânica, apresenta como princípio, a solidariedade para com o messias, todavia, a partir do verso 3, o messianismo se torna comunitário, e o povo é identificado pela solidariedade com a missão de restauração e cuidado. Essa perspectiva provoca uma compreensão emancipadora do messianismo, como também foi entendido por Bonhoeffer (2006).

Nesta fase, a temática assume sentido de aplicação. A tensão entre as correntes fria e quente, entre o-que-é e o que ainda-não-é, deve ser aplicada considerando a crítica para que a aplicação do texto tenha solidez, e a interpretação manifesta a dimensão escatológica pela esperança como proposta, de forma a apresentar uma crítica da vida e da história.

A aplicação da hermenêutica da esperança ao texto de Isaías 61:1-2 demonstra como a metodologia blochiana permite uma interpretação que articula rigor exegético com força transformadora. A análise crítica (corrente fria) revelou as condições objetivas de opressão no período pós-exílico, enquanto a identificação do excedente utópico (corrente quente) desvelou potencialidades emancipatórias que transcendem o contexto original - particularmente visíveis na articulação entre espiritualidade e justiça social expressa na figura do "ungido para libertar cativos". A síntese prática demonstrou como essas possibilidades se concretizam em mediações contemporâneas específicas, desde reforma de sistemas judiciais até criação de redes de cuidado comunitário. Assim, o texto não permanece como arquivo do passado nem se dissolve em utopia abstrata, mas revela-se como "ainda-não-consciente" que interpela criticamente o presente e orienta práticas transformadoras futuras. Esta aplicação confirma a viabilidade da hermenêutica da esperança como caminho para recuperar a dimensão profética das Escrituras sem abdicar das conquistas metodológicas da exegese científica, realizando na prática interpretativa a dialética entre o rigor analítico e o compromisso com a transformação social que caracteriza o pensamento blochiano.

Considerações finais

A hermenêutica da esperança, inspirada no pensamento de Ernst Bloch, oferece uma contribuição significativa para enfrentar tensões na interpretação bíblica contemporânea. Ao articular análise histórico-crítica rigorosa com identificação de potencialidades transformadoras, esta abordagem evita tanto a redução do texto a objeto arqueológico quanto sua instrumentalização ideológica descontextualizada.

A aplicação desta metodologia ao texto de Isaías 61:1-2 demonstra sua viabilidade para revitalizar a interpretação bíblica como instrumento de crítica social e práxis transformadora. A análise revelou como o texto preserva um "excedente utópico" que transcende seu contexto original, oferecendo recursos para enfrentar contradições contemporâneas através de mediações práticas específicas.

Esta proposta oferece quatro contribuições principais para o campo da hermenêutica bíblica contemporânea. Primeiro, valoriza a dimensão prática da interpretação bíblica sem abandono do rigor metodológico, superando a falsa dicotomia entre precisão científica e prática transformadora. Segundo, promove uma articulação dialética entre análise crítica e projeção transformadora, permitindo que o texto seja simultaneamente objeto de estudo rigoroso e sujeito interpelador da realidade presente. Terceiro, oferece critérios específicos para validação hermenêutica através da convergência entre ancoragem textual, tendências reais, mediação prática e discernimento comunitário. Quarto, demonstra sua viabilidade através de aplicação textual concreta, evidenciando que a metodologia não permanece no nível puramente teórico, mas se concretiza em práticas interpretativas verificáveis.

Reconhecemos, contudo, limitações importantes desta abordagem. A hermenêutica blochiana, por seus pressupostos materialistas, oferece recursos limitados para dimensões transcedentes da escatologia bíblica. Sendo importante o diálogo e complementação com outras abordagens teológicas que preservem a alteridade divina e a dimensão metafísica da teologia cristã.

Enfim, a proposta contribui para reduzir a polarização entre leituras fundamentalistas e abordagens puramente técnicas, oferecendo uma via interpretativa criticamente informada e praticamente orientada. Sua validação definitiva dependerá de aplicações mais extensas e do teste de sua eficácia em comunidades interpretativas concretas.

Referências

- ALVES, Rubem. *Da esperança*. Campinas: Papirus, 1987.
- BARTH, Gerhard. *Ele morreu por nós*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa, Portugal: Difel, 1989.
- BRUEGEMANN, Walter. *A imaginação profética*. São Paulo: Paulus, 2018.
- CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. Tradução de Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- ECO, Umberto. *Apocalíticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: História da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramalhete. 40^a ed., Petrópolis, RJ: Vozes, [1975] 2012.
- FURTER, Pierre. *Dialética da Esperança*: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GASS, Ildo Bohn. *Uma introdução à Bíblia*: Exílio Babilônico e Dominação Persa. Vol.6. São Leopoldo, São Paulo: Cebi, Paulus. 2010.
- GASS, Ildo Bohn. *Uma introdução à Bíblia*: Período Grego e Vida de Jesus. Vol.7. São Leopoldo, São Paulo: Cebi, Paulus. 2010.
- GOODY, Jack. *Cultura Escrita en Sociedades Tradicionales*. Barcelona: Gedisa, 2003.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HERMAN, Judith Lewis. *Trauma and Recovery*: The Aftermath of Violence - From Domestic Abuse to Political Terror. New York: Basic Books, 1992.
- HOFSTÄTTER, Leandro Otto. *A Concepção do Pecado na Teologia da Libertação*. Nova Petrópolis, RS: Nova Harmonia, 2003.
- JAMESON, Fredric. *Marxism and Form*: Twentieth Century Dialectical Theories of Literature. Princeton: Princeton University Press, 1971.

- KEEPENBERG, Hans G. *Religião e Formação de Classes na Antiga Judéia*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- KRAYBILL, J. Nelson. *Culto e comércio imperiais no apocalipse de João*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LIMA, Eduardo Sales. *A invenção do pecado: por uma teologia pós/de-colonial*. Tese (Doutorado em Teologia). Faculdades EST, São Leopoldo, 2020.
- LIMA, Eduardo Sales. Jesus 'não' morreu pelos pecados: epistemologia e intolerância. *Caminhos, Goiânia*, v. 18, p. 1001-1021, 2020. DOI 10.18224/cam.v18i3.8022. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/download/8022/4847/32178>
- LIMA, Eduardo Sales. Repensando os fundamentos do aconselhamento pastoral: por uma área de saber autônoma. *Revista Teologia Contextual - Londrina*, v. 1, e025010, 2025 <https://doi.org/10.59771/teocon.2025v1.e025010> Disponível em: <https://teocon.ftsa.edu.br/teologiacontextual/article/view/7/43>
- LIMA, Eduardo, Sales de. "Dai-lhes vós de comer" e a política de pão e circo. *Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia*, Brasil, v. 33, n. 2, p. 315-329, 2024. DOI: 10.18224/frag.v33i2.13373. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/13373>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- LOHFINK, Gerhard. *Agora entendo a Bíblia: para entender a crítica das formas*. Tradução Dom Mateus Rocha. São Paulo: Paulinas, 1978.
- MALINA, Bruce J.; ROHRBAUGH, Richard L. *Los evangelios sinópticos y la cultura mediterránea en el siglo I: comentario desde las ciencias sociales*. Estella: Verbo Divino, 2010.
- ROSA, Maria Inês da; SILVA, Fábio Rosa; SILVA, Napoleão Chiaramonte. A oração intercessória no alívio de doenças. *Arquivos Catarinenses de Medicina* Vol. 36, no. 1, p.103-108, de 2007. <https://acm.org.br/acm/revista/pdf/artigos/475.pdf>
- SANTOS, Douglas Oliveira dos. Tirar ou colocar um til? Ele pode: uma análise da leitura de Jesus de Isaías 61 em Lucas 4,18-19. *Revista Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 25, n. 4, p. 489-501, out./dez. 2015. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/download/4389/2521/12797>
- MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2012.
- PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a partir dos Pobres*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- RATZINGER, Joseph. Biblical Interpretation in Crisis: On the Question of the Foundations and Approaches of Exegesis Today. In: NEUHAUS, Richard John (Ed.). *Biblical Interpretation in Crisis: The Ratzinger Conference on Bible and Church*. Grand Rapids: Eerdmans, 1989, p. 1-23.
- RUSSEL, D. S. *Desvelamento Divino: Uma introdução à apocalíptica*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras: reflexão e estudo sobre Amós*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e Esperança no Exílio: História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulinas, 2007.

SICRE DIAZ, José Luís. *A justiça social nos profetas*. Tradução de Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

SILVA, Cassio Murilo Dias. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SIMIAN-YOFRE, Horácio (Org.). *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1994.

TAMEZ, Elsa. *A Bíblia dos oprimidos*. São Paulo : Paulinas, 1979.

TAMEZ, Elsa. *¿Como entender la carta a los romanos?* Elsa Tamez, RIBLA, 20, Quito, Equador: CLAI, 1995.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. Tradução de Getúlio Bertelli. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.

VIANA, Oliveira. *Instituições políticas brasileiras*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

WOLFF, Hans Walter et al. *A Bíblia: palavra de Deus ou palavra dos homens?* São Leopoldo: Sinodal, 1970.

WOLFF, Hans Walter. *Joel and Amos: A Commentary on the Books of the Prophets Joel and Amos*. Fort press, 1977.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Fundamentos da teologia prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; ADRIANO FILHO, José; SANCHEZ, Sidney. *Hermenêutica Bíblica*. 2. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

RECEBIDO: 30/04/2025

RECEIVED: 04/30/2025

APROVADO: 10/07/2025

APPROVED: 07/10/2025

PUBLICADO: 27/08/2025

PUBLISHED: 08/27/2025

Editor responsável: Waldir Souza